Caderno de Leituras n.161 | 2023

Ventre, tumba & dobra

Sobre a continuidade da coleção Caderno de Leituras

Maria Carolina Fenati

Há pouco mais de dez anos, tenho a alegria e o compromisso de editar a coleção Caderno de Leituras, lado a lado com uma equipe incrível, sem a qual nada seria possível. Os primeiros vinte ou trinta números foram feitos sem nenhum outro recurso senão a nossa vontade de começar, de inventar, de fazer. A partir daí a coleção começou a ter apoio da prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Durante esses anos, mantivemos a coleção bastante viva: publicações mensais (às vezes mais de uma por mês), diferentes curadorias, muita gente junta. No final de 2022, quando publicamos o número 160, não fomos aprovadas no edital da prefeitura e, portanto, soubemos que em 2023 já não teríamos apoio. O que fazer? De imediato, pensamos que seria melhor interromper a coleção. Afinal, todo trabalho deve ser remunerado, e não é diferente para aqueles que envolvem a literatura. Ainda sob os efeitos do susto, pensamos o oposto: era preciso continuar, não importava o apoio, seguiríamos em frente. Estávamos numa encruzilhada: quando algo interrompe a continuidade do caminho, direções opostas apresentam-se radicalmente, exigindo uma decisão.

Todavia, não é preciso decidir tão rápido. Também é limitador oscilar entre oposições. Antes de tomar qualquer decisão, esperamos, e pouco

a pouco a encruzilhada tornou-se mais sutil. Estávamos num intervalo, uma dobra do tempo. A pergunta não é se queremos ou não seguir a fazer o mesmo, e sim: o que é possível agora? De que modo vamos continuar a fazer o que queremos? E, junto dessa pergunta, outras surgem: o que tem sido a coleção? Qual a sua história? Se continuar é também acolher o novo, como fazer a coleção variar? Como seus eixos giram na invenção dos próximos números? Convivemos com essas perguntas, e talvez esse texto não seja senão um exercício de partilha a partir delas.

ESTÓRIAS-BOLSAS

Em *A teoria da bolsa da ficção*, Ursula K. Le Guin escreve que o primeiro aparato cultural foi provavelmente um recipiente. Isso quer dizer que, antes da faca, do machado, do pau – ferramentas que forçam a energia para fora –, inventamos coisas para conter outras coisas, ferramentas que trazem a energia para casa: objetos para juntar frutas ou sementes, conter líquidos, carregar crianças. Se os caçadores de mamutes ocuparam espetacularmente as paredes das cavernas, não foi porque seus instrumentos eram usados pela maioria, ou porque o alimento caçado era o que sustentava a humanidade: foi simplesmente porque foram eles a contar a história que continuamos a repetir. É a história do caçador, a "Estória da Ascensão do Homem, o Herói". Enquanto isso, nos mantínhamos vivos coletando sementes, raízes, brotos, frutos, capturando pequenos animais. Escreve Le Guin: "Não foi a carne que fez diferença. Foi a estória".[1] As consequências da repetição da narrativa do herói são imensas, assim como é violenta a ventania que sopra quando nos propomos a, dela, nos libertar: e se afastarmos as lanças, se contarmos a nossa

1 Ursula K. Le Guin. *A teoria da bolsa da ficção*. Tradução de Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. São Paulo: n-1, 2021, p. 17.

história a partir dos recipientes que desde há muito nos acompanham – a garrafa, o cesto, a casa? De que modo isso muda a forma como inventamos a nós mesmos, a nossa forma de contar e continuar?

Sabemos que entre os tentáculos do herói estão os legisladores, e são eles que traçaram o desenho do que deve ser uma narrativa. Segundo seus critérios, ela deve: ter a forma de uma flecha ou uma lança, e avançar retilínea, desconhecendo o recuo, mirando o alvo que, se atingido, morre como um animal caçado; o centro da narrativa é o conflito, energias em direções contrárias que se colocam em embate, sob risco de eliminação; para ser uma boa história, o herói deve estar nela, e todos os outros personagens estão, de algum modo, a seu serviço. Todavia, nessa lógica, o particular está fantasiado de universal: esses critérios servem unicamente para contar a narrativa dos heróis, ou, ainda, manter esses critérios é continuar a excluir da narrativa outras formas de vida. Escreve Le Guin:

> [...] todos já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, sobre as coisas para esmagar e espetar e bater, as longas coisas duras, mas ainda não ouvimos nada sobre a coisa em que se põem coisas dentro, sobre o recipiente para a coisa recebida. Essa é uma estória nova. Isso é novidade.[2]

No entanto, continua Le Guin, é também uma história antiga. Porque as estórias-bolsa, as estórias-recipiente, as estórias-ventre, as estórias--tumba sempre existiram, continuando e buscando sobreviver e, para além de sobreviver, expandir-se e partilhar, perder-se e se criar de novo. Não é exagero dizer que elas estão por todos os lados, espalhadas e diversas, mesmo quando o herói reina autocentrado e de ouvidos tampados. Le Guin escreve sobre o romance, que teria a forma de uma sacola, e, no limite, essa é também a forma do livro. Mesmo as estórias de herói,

2 Ursula K. Le Guin. *A teoria da bolsa da ficção*. p. 19.

pelo menos desde que foram escritas, estão contidas no livro, esse recipiente tão decisivo para muitas culturas. O herói vive, mata, conquista, e também morre envolvido por um objeto, contido nas páginas que são uma das suas moradas. Talvez, para começar a ver a história antiga dos recipientes, baste uma mudança de ângulo ou de olhar: todas as vezes em que estivemos debruçados sobre a estória-herói, ela estava, por definição, sustentada por um objeto, transportada por ele, acolhida por ele. A teoria da bolsa é também uma teoria da hospitalidade mais radical. As estórias--recipiente também estão no sagrado, recipiente do inviolável, nas casas, recipiente para acolher pessoas, nas comidas, na política, na sexualidade, na floresta, nos animais, nos contos populares, na mitologia. Elas estão por todo lado, nunca se ausentaram – todavia, historicamente, não se repetiram como a do herói e por isso temos a sensação de que falam mais baixo, dispersam e se renovam, exigem escuta. A estória-bolsa, escreve Le Guin, não vem facilmente aos lábios, mas ainda assim é contada com todo tipo de palavras e de várias maneiras. É preciso esquecer o herói, e lembrar aos nossos lábios, corpos, pensamento, ao nosso modo de lidar com o tempo, que outra estória está aqui, vem de longe e continua.

Para as estórias-bolsa, não há um conjunto de leis definidoras. O legislador está ao lado do herói, e a conquista dos reinos é inseparável da ambição de conquistar as línguas. Para as estórias-concavidades o que há é a variedade de formas e talvez por isso, mesmo quando nada verossímeis, há quem diga que elas são mais realistas, ou que não quebram um pacto mínimo e fundamental com a realidade: a infinidade das formas, a diversidade nas maneiras de conviver, a imprevisibilidade do destino. As estórias-barriga não se resolvem em estruturas harmônicas ou conflituosas, elas são contínuas, ou, ainda, abdicam do fim, da última palavra, não têm como propósito a resolução ou o êxtase – e sim: o processo contínuo. Talvez ainda as estórias-envelope desconfiem do demasiado humano, do inteiramente humano, e tenham pouca ou nenhuma lealdade à civilização porque sabem o que ela implica de dominação. Não é

fácil contar assim, também não é impossível. Sobre aquilo que escreve, Le Guin conta:

> [...] quando passei a escrever romances de ficção científica, o fiz carregando comigo este enorme saco pesado de coisas, minha bolsa cheia de chorões e desastrados, e pequenos grãos de coisas menores que uma semente de mostarda, e redes intrincadamente tecidas que, quando laboriosamente desatadas, revelam conter uma pedrinha azul, um cronômetro funcionando imperturbavelmente, contando o tempo de um outro modo, e o crânio de um rato; cheio de começos sem fim, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e muito mais artimanhas do que conflitos, muitos menos triunfos do que armadilhas e delírios; cheios de naves espaciais que ficam presas, missões que falham e pessoas que não entendem.[3]

COLEÇÃO DE RECIPIENTES

Em março de 2020, sem saber que estávamos às vésperas da pandemia, publicamos o Caderno n.100, no qual busquei contar um pouco sobre a história desta coleção.[4] Comecei por contar o que me fez inventá-la: uma noite num bar, em Lisboa, no qual juntos lemos, na íntegra, o livro *Senhor Henri* de Gonçalo M. Tavares. Estava cansada de ler sozinha, e ter experimentado a leitura coletiva me fez desejar partilhar o que líamos e escrevíamos de modo aberto, gratuito, ritmado. Claro que no começo a coleção não era senão uma aposta, e se ela continua é porque logo veio se juntar a mim uma comunidade flutuante de escritores,

3 Ursula K. Le Guin. *A teoria da bolsa da ficção*. p. 23.

4 Maria Carolina Fenati. *Breve história desta coleção*. Caderno de Leituras n.100. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2020. Disponível em: https://chaodafeira.com/catalogo/caderno100/

revisores, diagramadores, curadores, e, sobretudo, leitores. Isso aconteceu em dezembro de 2011, e desde então publicamos, todos os meses, ao menos um caderno.

Quando escrevi *Breve história desta coleção*, também quis traçar o que me movia na curadoria dos cadernos. Recorri na época a Kracauer, que, a partir de um estudo histórico sobre os suspensórios,[5] escreveu sobre a força da articulação entre os eixos horizontal (a carne, o áspero, a matéria) e vertical (a imaginação, o pensamento, o delírio). Descrevi a curadoria dos cadernos como uma busca por textos em que esses dois eixos estão articulados: não queria textos alienados, sem compromisso com o real, com a mutação, com o devir; também não queria textos utilitários, sem imaginário, caga-regras. Queria textos que articulassem imaginação e política, delírio e testemunho, ideias e história, isto é, literatura e vida. Para isso, é fundamental que o eixo articulador de tudo isso, a saber, a linguagem, esteja visível e tratado de maneira justa. Não queria textos em que a linguagem fosse instrumento de uma prerrogativa qualquer, ou que as palavras fossem corpos decadentes, reduzidos à ausência daquilo que representam. Nos textos da coleção, a linguagem precisava estar viva, uma força criativa, infinita, presente, brilhante. A aposta precisava ser alta ou perderia o sentido: as bibliotecas estão cheias de livros, para querer publicar mais é preciso desejar muito. Além disso, para mim, sempre foi evidente que textos assim não faltam, pelo contrário, estão espalhados, por vezes escondidos, mas nunca ausentes.

Dos primeiros números aos mais recentes, Caderno de Leituras traçou sua história. É uma coleção que começa muito próxima dos autores europeus, tantas vezes homens, quase sempre brancos. São ensaios preciosos, que continuo a reler, e que, vejo agora, estavam mais limitados à geografia na qual eu vivia do que na época eu poderia saber. Foi

5 Siegfried Kracauer. "Os suspensórios: um estudo histórico". Tradução de Samuel Titan Jr. *Serrote*, Rio de Janeiro, Instituto Moreira Sales, n. 6, pp. 189-191, nov. 2010.

quando migrei de Lisboa para Belo Horizonte que, pouco a pouco, a coleção também se deslocou mais intensamente para o sul, incluindo com regularidade autores latino-americanos, mulheres escritoras, diversificando estilos e temáticas. A articulação que havia visto em Kracauer radicalizava-se, e publicamos outras formas de afirmar o compromisso entre literatura e vida, mais perto das variações minoritárias. Quando me tornei mãe, estar entre crianças fez com que eu desejasse ainda mais a alegria e a rebeldia, e que houvesse espaço na coleção para mulheres falarem sobre maternidade, este corpo-cuidado como recipiente que acolhe a vida, tendo gerado bebês ou não. Quero dizer que em dez anos a vida de uma mulher muda muito, assim como muda a vida de uma coleção. Quando faço essa espécie de paralelo entre a coleção e a minha vida, não a reduzo ao que vivo, pelo contrário. Outras curadoras dirão outras coisas sobre esses cadernos e a sua história. O que quero dizer é que tudo o que faço relaciona-se de algum modo, e, no meu caso, são gestos simultâneos estudar e editar, migrar e ler, cuidar de crianças e pensar a partilha da língua.

Desde que li esse texto de Le Guin, me pergunto se Caderno de Leituras é uma coleção de recipientes. Os cadernos são herdeiros da forma do livro – têm capa, estão diagramados em A4 para facilitar a impressão, estão divididos em páginas numeradas etc. Ainda que eu tenha lido e relido todos os que foram publicados (e outros que não publiquei), parece que cada um guarda segredos. Por não se apresentar inteiramente, qualquer recipiente reserva um pouco de desconhecido, e nos livros isso é evidente. Quando olho para a página da coleção, com os seus 160 números, também vejo frascos que poderiam ser de tempero – a biblioteca é mais próxima da cozinha do que me acostumei a imaginar, e a proximidade etimológica entre saber e sabor radicaliza a sua coerência. São também autorretratos, esse recipiente para guardar imagens de si, e a página em que estão reunidos revela para além do que fui capaz de perceber sobre o que me atraía, sobre o que pensei e o que não vi ao

longo dos anos em que fiz essa curadoria. A coleção é também uma casa e os autores, diagramadores, revisores, tradutores, são amigos próximos, alguns com quem convivo quase diariamente, e outros que nunca vi – com todos partilhei pensamentos que me formaram. A coleção é uma festa.

Neste intervalo dos cadernos – a pausa seria uma inflexão na linha imaginária, um recipiente vazio a partir do qual outro gesto começa? – reescrevemos as perguntas: o que queremos oferecer? De que modo? O que queremos guardar? Que coisas queremos colocar dentro de outras?

ESTÓRIAS-MULHERES

Durante 2023, na coleção Caderno de Leituras vamos publicar dez textos escritos por mulheres, colocados lado a lado, em práticas de vizinhança. Escolhemos exclusivamente mulheres porque estamos juntas na criação de espaços de escuta de vozes femininas. Também porque nós, mulheres editoras, precisamos de companheiras para continuar. Continuar é escolher estar juntas, cuidarmos umas das outras, carregando nossas bolsas sem espadas – escreve Le Guin:

> Eu sou uma mulher envelhecida e zangada, impondo-me com a minha bolsa, lutando contra os bandidos. E, no entanto, nem eu nem ninguém me considera heroica por isso. É apenas uma daquelas malditas coisas que têm que ser feitas para se poder continuar coletando aveia selvagem e contando histórias.[6]

6 Ursula K. Le Guin. *A teoria da bolsa da ficção*. p. 21.

Sabemos que é urgente continuar a afastar a lógica do herói também do nosso jeito de agir: queremos buscar outros recursos na coletividade, e escolhemos fazer na coletividade de mulheres. Estaremos juntas, em práticas de vizinhanças sem protagonismo, colaborando para tornar públicos recipientes que preparamos com seriedade, tesão, alegria e cuidado.

A nossa luta é por continuar a escrever, rever, traduzir, publicar, ler, conversar. Partilhar estórias-bolsa, estórias-tumba, estórias-barriga. Essas estórias são experimentadas para além das palavras, e tantas desparecem sem deixar rastro. Todavia, muitas tornam-se acontecimentos de escrita, e geram um resíduo que se deposita em recipientes. Nelas, literatura e vida se articulam de maneira irrepetível e a linguagem cintila. São elas que queremos publicar na coleção Caderno de Leituras: estórias-baú-de-ideias, estórias-corpo, estórias-dobra, estórias-envelope, estórias-galáxias, estórias-ventre-do-porvir, estórias que não acabam. Queremos criar com essas estórias uma relação de vizinhança, umas ao lado das outras, ou, ainda, uma chamando por outras, de perto e de longe. Nós sabemos continuar, e sabemos isso porque estamos juntas. São estórias-concavidades que miram o coração, que miram os ouvidos – essas bolsas de guardar o que circula (o sangue, o som). Temos três ou quatro na gaveta, e sabemos que dessas virão outras e outras, até que tenhamos publicado mensalmente durante todo o ano de 2023. Mais tarde, voltaremos a abrir uma bolsa-intervalo e nos enfiaremos lá, para pensar de novo o que queremos.

Caderno de Leituras n. 161 | 2023

Ventre, tumba & dobra
Sobre a continuidade da coleção Caderno de Leituras
Maria Carolina Fenati

Preparação de texto
Cecília Rocha

Revisão
Andrea Stahel

Imagem de capa
Dolores Orange

Projeto gráfico
Rita Davis, Luísa Rabello

Coordenação da coleção
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin e Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, março de 2023

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com